

# Linguística aplicada, raça e interseccionalidade na contemporaneidade

VOLUME II

**Glenda Cristina Valim de Melo**

[ORG.]



**mórula**  
EDITORIAL



**FAPERJ**

Cada vez mais compreendemos que a Linguística Aplicada (LA) se relaciona com o mundo em que nos situamos. Esse entendimento tem provocado uma série de inflexões para os estudos do campo da LA ao analisarem o mundo em que vivemos.

A presença paulatina de pesquisadoras e pesquisadores negros, comprometidos com a superação do racismo, trouxe indagações insurgentes para a Linguística Aplicada, inovando-a com a presença de novos e desafiantes caminhos, desdobramentos teóricos e abordagens críticas.

Esses sujeitos e sujeitas, coerentes com o seu engajamento político e epistemológico, passaram a produzir conhecimento em uma abordagem interseccional na qual educação, classe, raça, etnia, gênero, periferias, sexualidades, linguagem, discurso, raça e poder, entre outros, são consideradas como importantes questões teórico-políticas e categorias de análise. Portanto, têm colocado o campo da LA em maior sintonia com as demandas da vida social da contemporaneidade.

O livro em questão apresenta estudos e indagações oriundos de autoras e autores de diferentes perspectivas teóricas. Abre caminho para a construção de novos conceitos e um diálogo interdisciplinar cada vez mais profícuo da LA com outras áreas do conhecimento. Os artigos enfatizam a importância da linguagem não somente para perpetuar o racismo, mas principalmente para a construção de práticas antirracistas. E reafirmam que não há como compreender a questão da linguagem sem uma abordagem interseccional.

# **Linguística aplicada, raça e interseccionalidade na contemporaneidade**

VOLUME II

**Glenda Cristina Valim de Melo**

[ORG.]



**mórula**  
EDITORIAL



**FAPERJ**

Todos os direitos desta edição reservados  
à MV Serviços e Editora Ltda.

CONSELHO EDITORIAL

Branca Falabella Fabrício, Clarissa Gonzalez,  
Claudiana Nogueira Alencar, Hellem Spíndola,  
Joana Plaza Pinto e Marcel Álvaro Amorim

REVISÃO

Milene Couto

IMAGEM (CAPA)

Ashkan Forouzani (Unsplash)

---

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Elaborado por Meri Gleice Rodrigues de Souza — CRB 7/6439

---

L727

v. 2

Linguística aplicada, raça e interseccionalidade na  
contemporaneidade / organização Glenda Cristina Valim de  
Melo. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2023.

296 p. ; 21 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81315-60-3

1. Linguística aplicada. 2. Sociolinguística. 3. Antropologia  
linguística. I. Melo, Glenda Cristina Valim de.

23-84042

CDD: 306.442

CDU: 81'27

---



Rua Teotônio Regadas 26 sala 904

20021\_360 \_ Lapa \_ Rio de Janeiro \_ RJ

[www.morula.com.br](http://www.morula.com.br) \_ [contato@morula.com.br](mailto:contato@morula.com.br)

[f/morulaeditorial](https://www.facebook.com/morulaeditorial) [@morula\\_editorial](https://www.instagram.com/morula_editorial)

## **AGRADECIMENTOS**

Com a pandemia, nossas vidas foram modificadas e as demandas de trabalho e da vida pessoal se tornaram assustadoras. Muitos de nós perdemos entes queridos em momento de muita fragilidade, medo, incertezas e inseguranças. Nesse sentido, os prazos para a elaboração desta obra foram alterados ao longo dos últimos quatro anos, e neles percebemos a necessidade de aprimorar ainda mais a proposta inicial. Para tal, contei com a gentileza e a confiança de autoras e autores que aqui apresentam um pouco de suas pesquisas e de seu trabalho com a Linguística Aplicada, Raça e Interseccionalidades. A vocês, meus sinceros agradecimentos pela generosidade de comporem comigo esta obra. Nada seria possível aqui se não fosse por vocês.

Na elaboração deste livro, o apoio de familiares foi essencial para seguir acreditando que conseguiria cumprir com este grande desafio e responsabilidade, visto a urgência de retomar memórias da LA que não vivenciei. Tais memórias nos foram contadas pelos artigos, livros, capítulo de livros, palestras, mesas redondas, rodas de conversas e aulas de colegas. Agradeço, imensamente, a generosidade da professora Marilda Couto Cavalcanti por compartilhar artigos, seu conhecimento e suas memórias conosco. Em especial, agradeço também o afeto e as palavras sempre motivadoras de Luiz Paulo da Moita Lopes. Expresso ainda minha gratidão à Branca Fabrício, Claudiana Nogueira Alencar, Kanavillil Rajagopalan, Kassandra Muniz, Maria Amália Oliveira e Nilma Lino Gomes pelo apoio e pelas leituras atentas ao longo desta caminhada.

Minha gratidão, em especial, segue também ao Dánie Marcelo de Jesus pela parceria no primeiro livro.

Aproveito ainda para agradecer às tradutoras que aceitaram a tarefa de colocar em Língua Portuguesa aqueles capítulos que estavam em outras línguas. Sem o trabalho de vocês, não teríamos chegado até aqui.

Minha gratidão às/aos participantes do Grupo de Pesquisa Performatividades, Raça e Interseccionalidades (PRINT/UNIRIO) pelo apoio, pelo diálogo e pela aprendizagem de sempre.

Por fim, saliento o apoio de quatro órgãos institucionais que tornaram possível a concretização desta obra: a bolsa produtividade em pesquisa (processo 302674/2019-5) e o edital Universal (420945/2018-0), ambos concedidos pelo CNPq; a bolsa jovem cientista cedida pela FAPERJ (processo E-26/202.772/2019); a licença capacitação aprovada pelo Departamento de Processos Técnico-Documentais da UNIRIO, no período de setembro a dezembro de 2021; e aos Programas de Pós-graduação em Memória Social da UNIRIO e Interdisciplinar em Linguística Aplicada pelo incentivo.

## SUMÁRIO

- 9      **APRESENTAÇÃO**
- 21     **SEÇÃO 1 | Petronilha Beatriz Gonçalvez e Silva**
- 23     Narrativas autobiográficas da raça e do racismo no Brasil:  
Teoria Racial Crítica e educação linguística crítica  
APARECIDA DE JESUS FERREIRA
- 52     O lugar da raça na sala de aula de inglês  
GLENDA CRISTINA VALIM DE MELO
- 70     Representações de mulheres numa coleção de livros  
didáticos de Espanhol/LE aprovada pelo PNLD  
ÉDINA APARECIDA DA SILVA ENEVAN  
IONE DA SILVA JOVINO
- 93     Os perigos da história única no ensino de inglês na escola  
LUCIANA LINS ROCHA  
LUANA CRISTINA NEVES SOUZA  
MARIA CLARA TEIXEIRA DA SILVA  
VINÍCIUS RIGO PATROCÍNIO DOS REIS
- 106    As ordens de indexicalidade sobre ensino de inglês e raça  
mobilizadas na narrativa de uma professora de língua inglesa  
GLENDA CRISTINA VALIM DE MELO

- 129    SEÇÃO 2 | **Zélia Amador Bueno**
- 131    Linguagem e letramentos de reexistências: exercícios para  
educação das relações raciais na escola  
ANA LÚCIA SILVA SOUZA
- 145    Apontamentos sobre multiletramentos antirracistas  
CARLOS JOSE LÍRIO
- 162    Letramento acadêmico indígena e quilombola: uma política  
linguística afirmativa voltada à interculturalidade crítica  
LETÍCIA CAO PONSO
- 188    Educação específica e diferenciada para o povo Kaingang:  
ensino de língua/cultura indígena  
ELISANGELA WILCHAK QUEIROZ  
LETÍCIA FRAGA



205 SEÇÃO 3 | **Conceição Evaristo**

207 Quem espera sempre alcança, mas aqueles que sempre estiveram por baixo já não aguentam mais esperar!

KANAVILLIL RAJAGOPALAN

229 Capoeira e ato de fala mandingueiro: vem jogar mais eu, mano meu

GILSON SOARES CORDEIRO

247 “Nós não somos feministas. Só queremos ser reconhecidas como pescadoras”: o pacto narcísico do feminismo branco e as performances narrativas de pescadoras negras em Arraial do Cabo

MARIA APARECIDA GOMES FERREIRA

266 Quando a raça e o gênero estão em questão: embates discursivos em rede social

ROBERTO CARLOS DA SILVA BORGES

GLENDA CRISTINA VALIM DE MELO

291 **SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES**



## APRESENTAÇÃO

“Trair a linguagem, emancipar movimentos”

[ YHURI CRUZ ]

Neste segundo volume do livro *Linguística Aplicada, Raça e Interseccionalidades na Contemporaneidade*, o foco está mais centrado na articulação entre Linguística Aplicada, educação, raça e interseccionalidades. A finalização desta obra ocorre em momento ainda delicado para o país, ou seja, na retomada da democracia que busca desconstruir os valores conservadores que causaram tantos sofrimentos para o Brasil pós-2018. Já não vivemos um momento de inflexão negativa na política como abordado no volume 1, mas a tentativa de golpe em 8 de janeiro de 2023 pelo bolsonarismo nos sinaliza que a luta pela democracia é constante. Com a mudança para um governo progressista, ocorrida em janeiro de 2023, o país se deparou com um desmonte de políticas públicas nunca visto e assistiu escandalizado à situação dos indígenas yanomamis que morrem de inanição e descaso público. Além disto, pipocam notícias do resgate de pessoas que trabalhavam em regime análogo à escravidão em vinícolas, fazendas etc. pelo país e tantas outras situações mescladas com a esperança de dias melhores em ações que observamos no cotidiano.

Outros aspectos distintos da produção do primeiro volume são o retorno da circulação de pessoas pelo mundo após a severa pandemia da Covid-19 e a continuidade de uma intensa troca de textos semióticos que trazem

lampejos de esperanças para o fim da miséria, do desemprego e da perda de direitos humanos, previdenciários e trabalhistas. Além disso, observamos nas mídias digitais, notícias e relatos de racismo, xenofobia, transfobia que atingem o país de norte a sul. Investimentos em uma educação de qualidade, práticas antirracistas e intersecções tornam-se imprescindíveis para que possamos ter um país mais equânime, incluindo uma educação linguístico-discursiva que possa contribuir para mitigar o sofrimento humano.

Neste segundo volume, também nos perguntamos como a Linguística Aplicada (LA) se relaciona com o mundo em que nos situamos e como a área aqui em discussão tem investigado as demandas da vida social desde sua origem. Considerando, a perspectiva de uma Linguística Aplicada Crítica, como tratada por Pennycook (2006), a LA é uma área do saber que investiga a linguagem-em-sociedade e se mistura a campos diversos com o objetivo de entender as práticas sociais situadas em linguagem. No estudo dessas práticas sociais, a questão racial entra na LA no final da década de 1980 pelos trabalhos de Terezinha de Jesus Machado Maher (1989), Marilda Couto Cavalcanti (1990) e Luiz Paulo da Moita Lopes (2002), como mencionado na Introdução do volume 1. Com a abertura do campo, na década de 1990, surgem os primeiros trabalhos de pesquisadoras negras na Linguística Aplicada, como o estudo pioneiro de Aparecida de Jesus Ferreira, Ana Lúcia Silva Souza, Kassandra da Silva Muniz e Ione da Silva Jovino, que colocam raça como objeto de estudo central.

Considerando a epígrafe desta introdução, a linguagem é central para a construção do mundo e principalmente para contarmos outras histórias sobre as pessoas que estão nele. Na e pela linguagem, agimos, e os efeitos de nossas ações reverberam por um período incalculável. Nos 13 capítulos que compõem este volume, divididos em três seções, autoras e autores discutem LA, raça e etnia com base em perspectivas teóricas distintas e sinalizando as possibilidades variadas de investigarmos tais marcadores discursivos-corpóreos e suas articulações. Neste segundo volume, a linguagem como prática social e as demandas sociais da contemporaneidade nos unem, especialmente, aquelas voltadas para o ensino de línguas e práticas cotidianas na luta antirracista. Cada seção foi nomeada em homenagem a intelectuais negras cujo trabalho é relevante para pesquisas que articulam linguagem e raça.

Há nesta obra três pressupostos basilares, para além de concepção de Linguística Aplicada, linguagem, raça e interseccionalidade. O primeiro centra-se no paradigma da virada linguística que deixa de entender a linguagem como representação e a compreende como performativa, ou seja, a linguagem é ação e tem efeitos incalculáveis na vida das pessoas e no mundo. Nas palavras de Muniz (2022, p. 62), “talvez tenhamos que ‘des-pensar’ para poder pensar”, neste sentido, estudiosas como Alencar (2010, 2021, 2022), Melo (2019, 2022, 2023), Muniz (2009, 2021, 2022) e Pinto (2000, 2019) se apoiam na perspectiva performativa<sup>1</sup> para desenvolver estudos que se interseccionam com raça, etnia, gênero, periferia, sexualidade e outros ligados às experiências brasileiras sobre tais aspectos, incluindo as perspectivas de linguagem. Assim, mesmo embasadas inicialmente em concepções de linguagem oriundas do eurocentrismo, cada pesquisadora ou pesquisador presente neste volume transforma a linguagem-em-sociedade para as demandas de seu contexto e seu espaço/tempo, como veremos ao longo dos capítulos. Neste percurso de transformação do mundo e da fluidez da linguagem, a Linguística Aplicada tem produzido epistemologias que, articuladas com outros campos do saber, contribuem para aprofundar ainda mais os estudos sobre o fenômeno étnico-racial.

O segundo pressuposto, raça, uma invenção eurocêntrica, como pontua Mbembe (2015), é entendida como uma construção social, discursiva, performativa e histórica (Sullivan, 2003) que resulta dos efeitos semânticos de discursos sobre ela propagados na sociedade brasileira. Por fim, o terceiro e último ponto basilar, neste volume, é a interseccionalidade, teoria consagrada pelos estudos de Kimberlé Williams Crenshaw. A interseccionalidade é concebida como um conjunto de opressões e/ou sistemas discriminatórios que se interseccionam e criam desigualdades que estruturam a sociedade. De outro modo, o conceito de interseccionalidade trata das relações de poder e de opressão abordadas por intelectuais negras americanas e brasileiras. Lélia Gonzalez, por exemplo, nos

---

<sup>1</sup> A visão performativa da linguagem é trazida por Austin (1962), pelas releituras de estudiosos(as) como Jacques Derrida (1988) e Judith Butler (1997). No Brasil, pesquisadores como Branca Fabrício, Kanavillil Rajagopalan, Luiz Paulo da Moita Lopes e Rodrigo Borba, por exemplo, também ancoram seus estudos nessa perspectiva.

mostra em sua obra como a interseccionalidade nos possibilita apurar “o olhar” para os fenômenos que estudamos, pesquisamos e ensinamos. As interseccionalidades de raça, gênero, escolaridade, região e sexualidade se articulam ao longo da obra apontando para os elos de opressão e resistência articulados pelas autoras e pelos autores aqui. Vale dizer ainda que nesta perspectiva de uma LA crítica, o campo se articula com outras áreas do saber como Educação, Relações Étnico-raciais, Estudos Culturais e Estudo dos Letramentos para debater, ao longo dos capítulos, linguagem, raça e interseccionalidades; articulações essas importantes e que nos ajudam a compreender como raça, etnia e intersecções são mobilizadas nos estudos linguísticos aplicados.

Pensando nas práticas discursivas antirracistas, a primeira seção, nomeada de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva<sup>2</sup>, trata-se da articulação entre LA, raça, educação e interseccionalidades, aspectos relevantes para o comprometimento com um ensino de línguas e uma formação docente que contemple a luta antirracista. Aqui, os cinco capítulos percorrem uma trajetória sobre raça, racismo, sala de aula, narrativas docentes e livro didático. No capítulo “Narrativas autobiográficas da raça e do racismo no Brasil: teoria racial crítica e educação linguística crítica”, Aparecida de Jesus Ferreira versa sobre as identidades sociais de raça de professores de línguas no Brasil e procura detectar como essas(es) professoras(es) vivenciam essa questão no âmbito profissional em 32 narrativas. A pesquisadora identifica, nas narrativas em análise, que esses docentes refletiram sua própria construção identitária racial, aspecto que pode contribuir para a implementação da Lei nº 10.639/2003. Ao longo do capítulo, a autora traz reflexões relevantes de como tais experiências influenciaram no processo de uma desconstrução de discursos naturalizados sobre as pessoas negras, tendo como efeito mudanças na prática pedagógica em sala de aula. Também tendo como foco a questão docente, em

---

<sup>2</sup> Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva é Professora Emérita da Universidade Federal de São Carlos e doutora em Educação e tem experiência em ensino, pesquisa e extensão em Educação e relações étnico-raciais. Em 21 de março de 2011, foi admitida, pela Presidenta da República Dilma Rousseff, na Ordem Nacional do Mérito, no Grau de Cavaleiro, em reconhecimento de sua contribuição à educação no Brasil. Para mais informações, acesse: <http://lattes.cnpq.br/5770245673371690>.

“As ordens de indexicalidade sobre ensino de inglês e raça mobilizadas na narrativa de uma professora de língua inglesa”, Glenda Cristina Valim de Melo analisa as ordens de indexicalidades de ensino línguas e raça observadas ao longo de uma entrevista com uma professora de Língua Inglesa (LI) que leciona em um curso livre. A participante mobiliza uma série de ordens que hierarquizam, por exemplo, termos como afrodescendente e negro, além de sugerir a necessidade de materiais didáticos para além daqueles oferecidos pelas instituições de ensino.

Considerando o aspecto do material didático especificamente, Luciana Lins Rocha et al., em “Os perigos da história única no ensino de inglês na escola”, fazem uma análise de alguns livros didáticos de língua inglesa do ensino médio aprovados no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). As autoras e os autores mostram como ocorrem a interseccionalidade entre raça e outros marcadores, especificamente nas atividades de compreensão auditiva (*listening comprehension*), e o silêncio sobre tais marcadores discursivos-corpóreos, ou seja, há um apagamento ao tratar de raça nessas atividades. No penúltimo capítulo da seção, centrando-se no material didático de Espanhol e tecendo críticas relevantes ao padrão monolíngue e monocultural imposto pelas prescrições sobre o ensino de línguas, que tornam invisível o Espanhol na sala de aula das escolas públicas, Édina Aparecida da Silva Enevan e Ione da Silva Jovino tratam, no capítulo “Representações de mulheres numa coleção de livros didáticos de Espanhol/LE aprovada pelo PNLD”, das representações de identidades sociais de raça negra e gênero nas imagens presentes em livros didáticos da língua citada. As autoras apontam para a necessidade e a urgência de se questionar a visibilidade segregada das mulheres negras no material.

Finalizando a seção, a atenção se volta para a sala de aula de línguas, em “O lugar da raça na sala de aula de inglês”. Nesse capítulo, Glenda Cristina Valim de Melo faz uma reflexão sobre o ensino de inglês e o lugar que as discussões a respeito de raça ocupa na aula. A estudiosa mostra que o tratamento das questões raciais está diretamente relacionado às concepções de linguagem, aprendizagem, ensino, dentre outras.

Na segunda seção, intitulada Zélia de Amador Deus<sup>3</sup>, mantendo o foco em uma educação linguístico-discursiva e antirracista, os capítulos entrelaçam raça e linguagem com letramentos. No primeiro deles, “Linguagem e letramentos de reexistências: exercícios para educação das relações raciais na escola”, Ana Lúcia Silva Souza descreve os imbricamentos entre linguagem e relações raciais na escola, destacando a importância de se considerar as identidades dos sujeitos no exercício cotidiano da construção de conhecimentos, ou seja, os letramentos de fora dos muros escolares que possibilitam a circulação de outras histórias sobre as pessoas negras. A autora cunha o termo “letramentos de reexistência”. A discussão sobre os letramentos também comparece no segundo capítulo, intitulado “Apontamentos sobre multiletramentos antirracistas”. Nele, Carlos José Lírio articula a Linguística Aplicada Crítica, multiletramentos e raça para discutir os multiletramentos antirracistas e pensar o papel da linguagem na contemporaneidade, especificamente aquelas marcadas pelo racismo. Para o autor, tais multiletramentos possibilitam a reflexão sobre como mitigar o sofrimento humano, principalmente quando se cogita uma educação antirracista.

Ainda com uma perspectiva voltada para os letramentos, mas centrado na questão indígena e quilombola, no terceiro capítulo dessa seção, “Letramento acadêmico indígena e quilombola: uma política linguística afirmativa voltada à interculturalidade crítica”, Letícia Caos Ponso explora a questão da pedagogia intercultural crítica para o acolhimento, a integração e a permanência dos estudantes indígenas e quilombolas no ensino superior brasileiro. A autora apresenta o argumento de que as experiências universitárias desses povos tradicionais nos cursos de graduação e pós-graduação só poderão ser satisfatórias se baseadas em políticas institucionais que incluam uma política linguística para falantes

---

<sup>3</sup> Zélia Amador de Deus é professora associada da Universidade Federal do Pará (UFPA), membro da Comissão Técnica Nacional de Diversidade para Assuntos Relacionados à Educação dos Afro-brasileiros (CADARA), membro fundadora do Grupo de Estudos Afro-amazônico (GEAM) da UFPA, coordenadora do curso de especialização Saberes Africanos e Afro-brasileiros na Amazônia e ex-presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). Para mais informações, acesse: <http://lattes.cnpq.br/2137015557793418>.



de línguas não hegemônicas, no que se refere ao domínio da textualidade acadêmica em língua portuguesa.

Com foco na educação linguística indígena, em “Educação específica e diferenciada para o povo Kaingang: ensino de língua/cultura indígena”, as autoras Elisangela Wilchak Queiroz e Letícia Fraga apontam o desconhecimento sobre as escolas indígenas e o ensino de línguas e culturas indígenas. Procurando sanar esta lacuna, as estudiosas apresentam o ensino de língua/cultura em uma escola indígena no contexto de comunidades Kaingang por meio das investigações de três pesquisadores dessa etnia que podem trazer contribuições para o ensino de línguas brasileiro.

Por fim, a terceira e última seção, Conceição Evaristo<sup>4</sup>, apresenta quatro capítulos que articulam a questão racial com colonialidade, racismo, gênero e resistência. O primeiro deles, “Quem espera sempre alcança, mas aqueles que sempre estiveram por baixo já não aguentam mais esperar!”, de Kanavillil Rajagopalan, trata da articulação entre colonialidade e racismo a partir de situações distintas. Ao longo do capítulo, o pesquisador traz uma discussão profícua sobre os aspectos citados. Já no segundo capítulo, “Capoeira e ato de fala mandingueiro: vem jogar mais eu, mano meu”, Gilson Cordeiro analisa a mandinga como ato performativo. Ao longo do capítulo, o autor, a partir do jogo da capoeira, reflete sobre o dizer que é uma ação de mandinga. Quanto ao terceiro capítulo, “Nós não somos feministas. Só queremos ser reconhecidas como pescadoras”: o pacto narcísico do feminismo branco e as performances narrativas de pescadoras negras em Arraial do Cabo”, Maria Aparecida Gomes Ferreira articula gênero e raça para tratar das performances das pescadoras da cidade do Arraial do Cabo. Por fim, encerramos o livro tratando dos embates discursivos sobre raça e gênero nas mídias sociais em “Quando a raça e o gênero estão em questão: embates discursivos em rede social”, de Roberto Carlos da Silva Borges e Glenda Cristina Valim de Melo. Nesse

---

<sup>4</sup> Conceição Evaristo é poetisa, romancista e ensaísta. Parte de sua produção poética aparece na série *Cadernos Negros*, publicado pelo Grupo Quilombhoje, de São Paulo. É autora dos romances *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória*, da antologia poética *Poemas da recordação e outros movimentos* e da antologia de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Para mais informações, acesse: <http://lattes.cnpq.br/9653059262448203>.

capítulo, autor e autora discutem o racismo em rede e seus efeitos nas práticas sociais ao analisarem as postagens racistas realizadas sobre uma artista negra brasileira.

Como sinalizado no volume 1, reforço aqui o caminho longo a se percorrer na LA, quando o assunto são as relações étnico-raciais e interseccionalidades. Há ainda muitas investigações a serem realizadas. Aprofundar e avançar ainda mais nesses estudos com demandas que marcam as vidas de tantas e tantos contribui para entendermos melhor o país em diáspora no qual vivemos e como a linguagem é central para que contemos outras narrativas sobre nós. Nesse sentido, o segundo volume de *Linguística Aplicada, Raça e Interseccionalidades na Contemporaneidade* dá continuidade ao movimento de reunir alguns capítulos sobre a temática para que possamos seguir em frente, aqui entendido como questionar e contestar a história única sobre raça e suas interseccionalidades. Nesse sentido, “trair a linguagem é urgente!”, como indicado na epígrafe. A construção de uma democracia forte passa pela educação linguística-discursiva e pela luta antirracista. Um percurso que semeia esperança, como ato de agir, para transformar o mundo.

GLENDA CRISTINA VALIM DE MELO

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Claudiana Nogueira de. Performances e decolonialidades nas gramáticas culturais das coletivas de poetas periféricas: a escritura a escrivência a invenção poética. In: MELO, G. C. V. de; JESUS, D. M. (Org.). *Linguística Aplicada, Raça e Interseccionalidade na Contemporaneidade*. Volume 1. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Mórula, 2022. p. 135-162.
- ALENCAR, Claudiana Nogueira de. O amor de todo mundo, palavras-sementes para mudar o mundo: gramáticas de resistência e práticas terapêuticas de uso social da linguagem por coletivos culturais da periferia em tempos de crise sanitária. *DELTA*, v. 37, n. 4, p. 1-26, 2021.
- ALENCAR, Claudiana Nogueira. Tradução de “Aspectos Sociais da Pragmática”. In: RAJAGOPALAN, Kanavillil (Org.). *Nova Pragmática: fases e feições de um fazer*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 31-44.
- AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer. Palavras e ação*. Trad. Danilo Marcondes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1962.
- BUTLER, J. *Excitable speech: a politics of the performative*. New York: Routledge, 1997.
- CAVALCANTI, Marilda Couto. Projeto Guarani: Currículo e Formação do Professor Índio. In: *V Encontro da Anpoll — GT de Linguística Aplicada*, Recife, 1990. p. 34-34.
- CAVALCANTI, Marilda Couto; MAHER, Terezinha Machado. Interação Transcultural na Formação do Professor Índio. In: SEKI, Lucy (Org.). *Linguística Indígena e Educação na América Latina*. 1. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 217-230.
- CAVALCANTI, Marilda Couto. A propósito de Linguística Aplicada. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 7, 1986.
- CAVALCANTI, Marilda Couto (Org.). *Linguística Aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

- DERRIDA, Jacques. *Limited inc*. Evanston: Northwestern University Press, 1988.
- FERREIRA, A. J.; BALADELI, A. P. D.; REIS, R. C. C. Formação de Professores e Algumas Reflexões das Leituras que podem ser feitas sobre relações étnico-raciais no contexto escolar. In: *III Seminário em Estudos da Linguagem: Leituras*, Cascavel, 2002.
- MAHER, Terezinha Machado. O Projeto MBYA. In: *II Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada*, UNICAMP, Campinas, 1989. p. 19-19.
- MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2015.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MELO, Glenda Cristina Valim de. Slave Trade Ads in the 19th Century: Textual Trajectory, Entextualization and Indexical Orders Mobilized on Contemporary Ads in a Brazilian. In: Sinfree Makoni; Anna Kaiper-Marquez; Lorato Mokwena. (Org.). *The Routledge Handbook of Language and the Global South/s*. 1ed. London: Routledge, 2023, v. 514, p. 189-201.
- MELO, Glenda Cristina Valim de. Roda de conversa entre mulheres negras: performatividade de raça, gênero e sexualidade. In: MELO, G. C. V. de; JESUS, D. M. (Org.). *Linguística Aplicada, Raça e Interseccionalidade na Contemporaneidade*. Volume 1. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Mórula, 2022. p.74-94.
- MELO, Glenda Cristina Valim de. Slave trade ads in the 19th century: textual trajectory, entextualization and indexical orders mobilized on contemporary ads. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 19, p. 871-900, 2019.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2006.

- MUNIZ, Kassandra da Silva. Ainda sobre a possibilidades de uma linguística “crítica”: performatividade, política, e identificação racial no Brasil. In: MELO, G. C. V. de; JESUS, D. M. (Org). *Linguística Aplicada, Raça e Interseccionalidade na Contemporaneidade*. Volume 1. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Mórula, 2022. p.53-73.
- MUNIZ, Kassandra da Silva. Linguagem como mandinga: população negra e periférica reinventando epistemologias. In: Ana Lúcia Silva Souza. (Org.). *Cultura política nas periferias: estratégias de reexistência*. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021. p. 273-288.
- MUNIZ, Kassandra da Silva. Linguagem e identificação: performatividade, negros(as) e ações afirmativas no Brasil. *Sínteses*, UNICAMP, v. 14, p. 262-295, 2009.
- NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- PENNYCOOK, Alastair. Por uma linguística aplicada transgressiva. In: Moita Lopes, L. P. *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 67-84.
- PINTO, Joana Plaza. A performatividade da linguagem sobre a linguagem. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 29, p. 725-730, 2000.
- PINTO, Joana Plaza. É só mimimi? Disputas metapragmáticas em espaços públicos online. *Interdisciplinar*, v. 31, p. 221-236, 2019.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. A irredutibilidade do ato ilocucionário como fator inibidor das tentativas taxonômicas. *DELTA*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 133, 2010.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. Dos dizeres diversos em torno do fazer. *DELTA*, v. 6, n. 2, p. 223-254, 1990.
- SULLIVAN, N. *A critical introduction to queer theory*. New York: New York University Press, 2003.



1ª edição	junho 2023
impressão	eskenazi
papel miolo	pólen natural 80g/m <sup>2</sup>
papel capa	cartão supremo 300g/m <sup>2</sup>
tipografia	amplitude e freight

Ao ler os artigos dessa coletânea compreendemos ainda mais o quanto a LA se constrói, historicamente, imersa na alteridade e nas relações de poder. Quando mais aberta a essa realidade, mais a LA compreenderá que a força da linguagem se expressa não somente por meio das palavras, mas também do (e com o) corpo, da estética, da ética e da arte. Essa compreensão que, aos poucos, vem ocupando lugar de legitimidade na LA, rompe com as perspectivas teóricas que advogam pela sua suposta neutralidade diante das mazelas do mundo em que vivemos. Antes, afirma a sua importância epistemológica e política para a superação das desigualdades e das discriminações.

**NILMA LINO GOMES**

Este segundo volume de *Linguística Aplicada, Raça e Interseccionalidades na Contemporaneidade* dá continuidade ao movimento de reunir alguns capítulos sobre a temática para que possamos seguir em frente, aqui entendido como questionar e contestar a história única sobre raça e suas interseccionalidades. Nesse sentido, “trair a linguagem é urgente”. A construção de uma democracia forte passa, também, pela educação linguística-discursiva e pela luta antirracista. Um percurso que semeia esperança, como ato de agir, para transformar o mundo.

